

## A MATERIALIDADE DAS PRÁTICAS DE MEMÓRIA NA TERRA DO *THANKSGIVING*

Samuel Lira Gordenstein<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo examina a materialidade das práticas de memória no passado ao focar nos monumentos erguidos na cidade norte-americana que inspirou o feriado mais celebrado nos EUA, o Dia de Ação de Graças (*Thanksgiving*). Através de uma análise do contexto sócio-cultural no início do século XX, período de fabricação da maioria dos monumentos da cidade de Plymouth, evidenciam-se as circunstâncias específicas das escolhas sobre quais aspectos da história deveriam ser expostas, ou não, ao público. Ainda que no local predomine uma narrativa que sublinhe o legado dos imigrantes anglo-saxônicos, a contestação por parte de ativistas tem resultado na adição de narrativas históricas alternativas à paisagem monumental da cidade.

**Palavras chave:** monumentos; memória; Plymouth

### ABSTRACT

This article examines the materiality of memory practices in the past by focusing on the monuments built in the North American city that inspired the most celebrated holiday in the USA, Thanksgiving. The specific circumstances surrounding the decision to advertise or hide certain historical aspects in Plymouth are revealed through an analysis of the social and cultural context at play during the early 20th century, the construction period for most of the town's monuments. Although the narrative which accentuates the Anglo-Saxon legacy still dominates, severe contestation by activists has resulted in the addition of alternate historical narratives to the town's monumental landscape.

**Keywords:** monuments; memory; Plymouth

### RESUMEN

Este artículo examina la materialidad de las prácticas de memoria en el pasado centrándose en los monumentos erigidos en la ciudad norte-americana que inspiró el festivo más celebrado en los EEUU, el *Thanksgiving* (Día de Acción de Gracias). A través de un análisis del contexto socio-cultural a comienzos del siglo XX, período de fabricación de la mayoría de los monumentos de la ciudad histórica de Plymouth, se mostrarán las

<sup>1</sup>Arqueólogo do IPHAN/Bahia. O autor tem mestrado em Arqueologia Histórica da Universidade de Massachusetts (Boston/EUA) e doutorado em Antropologia da UFBA. Contato: samuel.liragordenstein@gmail.com

circunstancias específicas de las elecciones sobre qué aspectos de la historia deberían ser expuestos, o no, al público. Aunque en el lugar predomina una narrativa que subraya el legado de los inmigrantes anglosajones, la severa respuesta por parte de los activistas ha dado lugar a la adición de una narrativa histórica alternativa para el monumental paisaje de la ciudad.

**Palabras clave:** monumentos; memoria; Plymouth

## Introdução

Monumentos não servem apenas para decorar uma paisagem. Conforme sugere Barbara Little, a narrativa histórica que entendemos como “oficial”, muitas vezes, é absorvido a partir do ambiente e os locais que visitamos (LITTLE, 2007: 138). Para Shackel (2010), esta é umas das razões que grupos dominantes de uma sociedade investem de forma significativa na paisagem monumental, para legitimar uma narrativa histórica específica e excluir versões alternativas. O resultado é uma versão “celebratória” da história, em que dá-se vida a locais importantes e os conecta com a narrativa dominante sobre o passado de um país (LITTLE, 2007: 154).

Contudo, isso não significa que os grupos ignorados ou diminuídos na narrativa aceitem esse cenário de forma passiva: este embate é como um campo de batalha, que resulta em uma paisagem memorial cujo significado é “continuamente contestado, construído, e reconstruído” (SHACKEL, 2010: 399). Isso pode resultar em um espaço patrimonial com uma versão “desafiadora” da narrativa histórica, que foca não somente no que é confortável, e revela a história com todas suas complexidades, conflitos, injustiças, e controvérsias (LITTLE, 2007: 154; HANDLER & GABLE, 1997; EICHSTEDT&SMALL, 2002).

O que está em jogo é o controle sobre o processo de memorialização de certos objetos e lugares e sua capacidade para moldar e influenciar a memória pública sobre determinados eventos. Este processo significa selecionar o que deve ser lembrado, e também, o que deve ser esquecido. Mills e Walker (2008) usam o termo “trabalho de memória” (*memory work*) para fazer referência ao estudo da materialidade das práticas de memória no passado. O foco, portanto, está nas escolhas feitas por atores sociais há anos, séculos ou milênios. E estudar o “trabalho de memória” significa cada vez mais prestar atenção ao que é esquecido. A arqueóloga Katherine Hayes está interessada em “clarificar como as coisas são esquecidas”, e acredita ser possível recuperar vertentes excluídas da

narrativa histórica, e conseqüentemente dos monumentos também (HAYES, 2011: 215). Uma sugestão metodológica útil para os nossos propósitos vem a partir de Trouillot (1995), que sugere que silêncios históricos podem ser criados em diferentes momentos, inclusive na instância da criação do fato (quando a fonte é feita) (TROUILLOT, 1995: 26). Ou, por extensão, quando uma fonte *deixa* de ser feita.

Hoje, o espaço memorial na baía de Plymouth/E.U.A., tido como local de desembarque de colonos ingleses, é altamente contestado, de embate entre os defensores da narrativa dominante que enfatiza a contribuição destes primeiros imigrantes protestantes (conhecidos como “peregrinos”), contra ativistas, muitos deles indígenas, que lutam para introduzir uma versão alternativa da história no local. Ainda que os primeiros ingleses tenham chegado à região no século XVII, grande parte dos memoriais foram construídos há aproximadamente 100 anos. Portanto, foi no início do século XX que se decidiu memorializar esta narrativa histórica contra qual se opõem os manifestantes de Plymouth, que se reúnem na baía da cidade todo *Thanksgiving* e veem a chegada dos europeus como o início de uma campanha genocida contra a população nativa. Desta forma, uma compreensão da paisagem memorial atual requer um exame da materialidade das práticas de memória no passado, inclusive do contexto histórico e cultural, da decisão de construir ou omitir monumentos (nossas “fontes”).

### Os monumentos de Plymouth

Na baía de Plymouth, próximo do suposto local de desembarque dos peregrinos ingleses, existe um total de 18 monumentos, concentrados em três locais, ou zonas, que incluem lápides, estátuas, e fontes, além de um navio, um sarcófago, e um banco (ver Tabela1, abaixo). Os responsáveis pela construção dos monumentos eram geralmente ligados a alguma associação de descendentes dos peregrinos, com algumas exceções que serão discutidas mais adiante. Em alguns casos, há a presença de epitáfios nos monumentos; em dois exemplos, utilizaram-se citações oriundas das crônicas do primeiro governador da colônia, inclusive na estátua erguida para homenageá-lo.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Ver Tabela 1, monumento (2,) cujo epitáfio lê: “*Lastly (and which was not least) a great hope & inward zeall they had of laying some good foundation (or at least to make some way thereunto) for ye propagating & advancing ye gospel of ye kingdom of Christ in those remote parts of ye world, yea, though they should be but even as stepping stones, unto others for ye performing of so great a work’*” Aqui, a intenção parece ser transferir o peso histórico atribuído às crônicas de William Bradford ao



Figura 1: Zonas de localização dos monumentos (Google Earth) e a “Mayflower II” (Foto do autor).

ZONA/MONUMENTOS	DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEL	ANO
<b>(A) Zona portuária (ver área em amarelo no mapa)</b>			
1. Plymouth Rock	Lápide e Pórtico	Diversos	1921
2. William Bradford	Estátua	Bicentennial Commission	1976
3. Mayflower II	Navio	Plimoth Plantation	1956
<b>(B) Cole’s Hill e arredores (ver área em verde no mapa)</b>			

próprio monumento. Os escritos de Bradford servem até para outros propósitos: como inspiração para publicamente homenagear as tropas americanas no Oriente Médio (Cf. Old Colony Memorial, 2004). De uma forma geral, as citações do diário do primeiro governador se encaixam bem na predominante temática monumental de Plymouth, de novos começos e idealismo exagerado.

4. Pilgrim Mother	Estátua e Fonte	National Society of Daughters of the American Revolution	1920
5. Tercentenary of the Landing of the Pilgrims	Lápide	The Pennsylvania Society of New England Women	1920
6. Massasoit	Estátua	Improved Order of Red Men	1921
7. Gurnet Fortifications	Lápide	Plymouth Bicentennial Commission	1976
8. National Day of Mourning	Lápide	United Indians of New England	2001
9. Pilgrim Sarcophagus	Sarcófago	The General Society of Mayflower Descendants	1920
10. In Memory of James Cole	Lápide	His Descendants	1917
11. In Memory of Pilgrim Mothers and Fathers	Lápide	The Society of Daughters of Colonial Wars	1927
12. Cole's Hill National Historic Landmark	Lápide	U.S. National Parks	1961
<b>(C) Brewster Gardens (ver área em azul no mapa)</b>			
13. In Memory of John and Samuel Eddy	Lápide	Eddy Family Association	1930
14. Tribute to Elder Brewster	Lápide	Incerto	Incerto
15. Daughters from ship "Anne"	Banco	National Society Daughters of the American Colonists	1923
16. Immigrants' Sculpture	Escultura	Plymouth Cultural	2001

		Council	
17. Pilgrim Maiden	Estátua	National Society of New England Women	1924
18. In Memory of Lidian Emerson	Lápide	Incerto	Incerto
<b>Tabela 1: Monumentos na baía de Plymouth</b>			

A área portuária (Zona A) é dominada pela principal atração de Plymouth, a Rocha de Plymouth (*Plymouth Rock*). Tida como a pedra onde os ingleses pisaram para desembarcar na praia pela primeira vez, em 1620, ela encontra-se hoje supostamente na posição original, e nela consta uma inscrição com esta mítica data, e um pórtico com colunas Neoclássicas que cobre as imediações. A alguns metros do pórtico fica o Mayflower II, uma espécie de museu flutuante e réplica do navio que trouxe os primeiros ingleses para Plymouth. Também em frente ao mar está a estátua de William Bradford, o primeiro governador da colônia e autor do famoso relato sobre os primeiros anos em terras americanas.



Figura 2: Vista para a baía e o pórtico do Plymouth Rock (Foto autor).



Figura 3: Estátua de Massasoit (Foto autor)

Atrás desta zona, está uma colina conhecida como Cole's Hill (Zona B) em homenagem a um dos colonos que desembarcou, em 1620. No Cole's Hill, há sete lápides de materiais diversos, todas elas com inscrições. Destaca-se aqui uma placa intitulada Dia Nacional das Lamentações (*National Day of Mourning*), que será analisada mais adiante, e que, ao invés de comemorar a presença dos ingleses, denuncia as consequências de sua vinda. Outros monumentos incluem um sarcófago com ossos dos primeiros ingleses, uma estátua dedicada ao chefe Wampanoag Massasoit, e a alguns metros da colina, uma fonte e estátua dedicada às mulheres que vieram na Mayflower.



Figura 4: Pilgrim Mother e Pilgrim Maiden (Foto autor)

Ao lado do Cole's Hill, intersectado por um riacho, está um parque chamado *Brewster Garden* (Zona C) que, segundo uma placa, teria sido estabelecido em 1921. Além de três lápides, um banco, e uma estátua, há também uma escultura de metal de 2001 que homenageia os outros grupos imigrantes que, a partir do século XVIII, ajudaram a construir uma comunidade “hospitaleira e robusta”.

### O legado monumental de 1920 em Plymouth

Existe uma grande concentração entre os anos de 1917 e 1930, quando 10 dos monumentos foram finalizados e colocados em Plymouth, sendo cinco deles nos anos de 1920 e 1921 (ver Tabela 1). Fora isso, apenas nos anos de 1976 e 2001, há a adição de mais de um momento à paisagem da cidade. Esta concentração monumental em torno do ano de 1920 é significativa, e reforça uma narrativa ainda em evidência, ainda que fortemente contestada. No período de 1917-1930, repara-se que todos os 10 monumentos

têm como temática a vinda dos primeiros peregrinos para Plymouth, tópico este evidenciado através de ícones, símbolos não icônicos e inscrições. Duas importantes adições desta época são estátuas de mulheres, ambas construídas por instituições para mulheres, fundadas na década de 1890, durante um período quando elas eram as principais guardiãs do patrimônio norte americano (Cf. SHACKEL, 2010: 393).

A estátua intitulada Dama Peregrina (*Pilgrim Maiden*) mostra uma mulher jovem, com vestido longo e capa, capota, com um livro na mão (certamente uma bíblia), queixo erguido, com tecido levemente retorcido e perna esquerda impulsionada para frente para sugerir movimento. O epitáfio homenageia a “coragem, força e devoção” das mulheres peregrinas, uma mensagem perfeitamente simétrica com a imagem da estátua. A estátua Mãe Peregrina (*Pilgrim Mother*) mostra uma mulher vestida exatamente da mesma forma, também com uma bíblia na mão, porém de expressão mais serena e sem qualquer sugestão de movimento. Consta também um epitáfio que enfatiza seu papel materno, em concerto com a imagem projetada. Juntas, as imagens mostram a mulher como corajosa e ativa quando jovem, serena e contida quando mais madura, mas permanentemente próxima de Deus.

Sem dúvida a enorme estátua do chefe Wampanoag Massasoit destoa das demais por se tratar do único ícone na baía de Plymouth que homenageia os índios. Para um representante municipal, trata-se de uma “personificação, através de Massasoit, das relações amigáveis entres os Peregrinos e os Wampanoags” (REARDON, 2008: 2). A estátua, erguida em 1921 por um grupo chamado A Aperfeiçoada Ordem dos Homens Vermelhos (*The Improved Order of Red Men*), era composta por não indígenas que buscavam “pagar tributo as suas muitas virtudes másculas, que nós, como a raça dominante, estamos muito fortemente predispostos a esquecer ou ignorar” (WEEKS, 1920: ix). Conforme demonstrado adiante, não obstante a intenção de seus fabricantes, posteriormente outros podem cooptar e ressignificar monumentos, e o uso da estátua de Massasoit como espaço de protesto por ativistas indígenas surge como exemplo disso.

Em seis dos monumentos deste período, incluindo as estátuas das mulheres peregrinas, há a presença de epitáfios. A mensagem disseminada por elas é bastante clara: celebra, sobretudo, um primeiro momento, a fundação de uma República, estabelecida principalmente para valorizar a liberdade religiosa. Nelas aparecem inscritas as palavras ‘idealismo’, ‘heroico’, ‘coragem’, ‘força’ e ‘devoção’ para descrever as pessoas e seu empreendimento religioso. Somadas às representações icônicas dos peregrinos, as

inscrições emitem uma clara mensagem sobre o teor da homenagem: a raiz da nação está intimamente interligada a este bando de ingleses protestantes.

A razão para tal obsessão com esta mensagem, e com esta data (1920-1921), era a celebração do tricentenário da chegada dos peregrinos<sup>3</sup>. Em antecipação desta data, o presidente dos Estados Unidos da América, Woodrow Wilson, fez um notável apelo:

Eu, portanto sugiro e peço que o próximo 21 de dezembro seja observado na União inteira com serviços patriotas especiais para que os grandes eventos da história Americana que resultaram do desembarque destes valorosos e corajosos navegadores e colonos possa ser relevado para a presente geração de cidadãos Americanos. Recomendo especialmente que o dia seja observado em universidades, faculdades, e escolas do nosso país, para que lições salutares e patrióticas possam ser inspiradas pela força e perseverança e ideais deste pequeno bando de homens e mulheres de igreja que estabeleceram neste continente o primeiro governo democrático baseado no princípio da lei justa e sua aplicação igual para todos, e portanto, plantaram as sementes de onde nasceu essa poderosa nação. (The New York Times, 1920a).

É considerável o grau de homologia entre o discurso e o tema explicitado nos monumentos. Assim como sugeriu o presidente Wilson, tanto na baía de Plymouth como nas escolas do país inteiro, este evento seria de fato utilizado para fins didáticos. Longe dos símbolos de memória social instalados na costa de Massachusetts, a forma que isso ocorria era através do feriado de *Thanksgiving*, que na década de 1920 tornou-se o feriado mais frequentemente celebrado nas escolas públicas do país (ADAMCZYK, 2002: 356).

No dia 21 de dezembro de 1920, exatos 300 anos depois do desembarque dos Peregrinos, houve falas do governador (e vice-presidente eleito) e senador do estado de Massachusetts, com a presença de uma larga gama de representantes políticos, judiciais, e cívicos internacionais e nacionais, e uma caminhada até o *Plymouth Rock* (The New York Times, 1920b)

---

<sup>3</sup> Os Peregrinos desembarcaram em Plymouth no dia 21 de dezembro de 1620, sendo que o primeiro *Thanksgiving* foi comemorado no ano seguinte.

## O contexto histórico da construção dos monumentos

O primeiro monumento instituído na baía de Plymouth foi colocado em 1917, e nos 13 anos seguintes mais monumentos foram inaugurados do que nos 81 anos subsequentes. Este legado monumental do início do século XX, e a mensagem explicitada por ele, tem sido mantido desde então, e serve como principal alvo de resistência ainda hoje por grupos que buscam evidenciar narrativas alternativas.

Muitas vezes, preservam-se monumentos que de alguma forma sublinham características identitárias ou regionais que se busca enaltecer. Para Brenda Barrett e Augie Carlino, isso pode ocorrer em situações onde se constata um futuro incerto (LITTLE, 2007: 140 apud BARRETT & CARLINO, 2003: 52). Esta parece ter sido a leitura feita pela classe anglo-saxônica, em 1920.

Nos Estados Unidos, prevalecia um clima de pessimismo durante este período, atribuído a uma depressão econômica e a experiência traumática da Primeira Guerra Mundial, que resultou na adoção de posições isolacionistas. Também foi período de fortalecimento do discurso nativista (ou nacionalista) no cenário nacional. Esta visão pregava que a identidade nacional tinha o inglês como língua franca, o protestantismo como religião aceita, e os imigrantes como uma ameaça à identidade nacional<sup>4</sup> (SPENCER, 1994: 548-549). O reacendimento desta chama ideológica vem após a entrada de uma enorme nova classe de imigrantes, a maioria oriunda do sul e leste da Europa, muitos deles católicos e judeus (SCHNEIDER, 1979: 279). Entre 1898 e a Primeira Guerra Mundial, entraram 3,5 vezes mais imigrantes do que na onda de imigração anterior, que finalizou na década de 1880, e consistia principalmente de europeus protestantes<sup>5</sup> (SPENCER, 1994: 551; SCHNEIDER, 1979: 279). Em Plymouth, a *Cordage Factory*, que manufaturava cordas

---

<sup>4</sup> Spencer (1994) chama a corrente ideológica rival de “liberalismo cosmopolitano”, que era mais inclusiva: acreditava que a natureza humana podia ser aperfeiçoada e, portanto, aceitava os imigrantes por acreditar que poderiam transformar-se em patriotas apesar de suas imperfeições. A decisão de aceitar mais imigrantes, por uma questão de desenvolvimento econômico, veio a partir de uma conciliação entre estes dois ideais.

<sup>5</sup> Os irlandeses católicos, que vieram principalmente a partir da Fome da Batata (*Potato Famine*) na década de 1840, eram um grupo significativo que destoava desta caracterização nesta onda de imigração que terminaria na década de 1880.

para a indústria naval, não parava de crescer, com grande parte de seus quase 2.000 trabalhadores oriundos da Escandinávia, Itália e Portugal (Plymouth Historical Society, 2012).

Esta filosofia nativista também tinha uma forte vertente racista; James Tyner (1999) detalha a intensificação de restrições na política de imigração dos EUA, a partir do fim do século XIX, fruto da influência da ciência eugênica. Uma série de atos e leis foi implementada entre 1875 e 1924 para restringir pessoas com “imperfeições físicas” e aquelas oriundas de países asiáticos, do oriente médio, e do sul, leste (e alguns do norte) da Europa (TYNER, 1999: 60).

Em 1920, outra corrente ideológica também exibiu suas garras; a partir de janeiro, estaria valendo 18ª Emenda constitucional proibindo a fabricação e consumo de álcool no país. Alavancado pelos líderes das igrejas protestantes, o movimento de abstinência fortaleceu-se durante o fim do século XIX e chegou a seu ápice no período de guerra. Imigrantes eram identificados como grandes consumidores de álcool, particularmente os italianos (vinho) e os alemães (cerveja), e os bares como espaços frequentados por eles, o que serviu para fortalecer o sentimento de nativismo entre os aderentes do movimento (MENNELL, 1969: 165-169).

Paradoxalmente, Massachusetts, símbolo do início do protestantismo nos EUA, era um dos poucos estados sem leis antiálcool antes da implementação da emenda constitucional, e fazia parte de um conjunto de estados onde menos da metade da população pertencia a igrejas protestantes, e onde diminuía, gradativamente, a porcentagem de moradores tidos como “antigos Americanos, de composição Anglo Saxônica” (MENNELL, 1969: 168 apud CLARK, 1965). No bairro imigrante do South End em Boston, na virada para o século XX, em tom crítico, uma observadora contabilizou a presença de 46 bares (Cf. GARCIA, 2007: 216).

Em Plymouth, bastião da cultura anglo-saxônica, com seus diversos clubes e sociedades que enfatizavam sua ligação com os colonos seiscentistas, não haveria espaço para celebrar estes novos imigrantes ou divergências no que se tornara o alicerce da narrativa dominante sobre a formação do país. Nenhum dos dez monumentos construídos próximos do tricentenário, ou em qualquer momento ao longo do século XX, destoaria deste enredo, que tinha espaço para o índio, desde que como figurante firmemente posicionado no passado.

Nesta época nos EUA, com a expansão oitocentista da “fronteira” ao oeste do país já finalizada, os nativos eram vistos como “frágeis e incapazes de coexistir com a civilização”, tratando-se de uma “espécie humana em sumiço”<sup>6</sup> (THOMAS, 2000: xxix). Para O’Brien (2010), começa a vigorar uma “narrativa substitutiva”, na qual os índios, relíquias do passado, são substituídos por povos “modernos” (O’BIEN, 2010: 55). É com essa lente que deve ser enxergada a presença de uma descendente do chefe Massasoit na celebração do tricentenário em Plymouth (The New York Times, 1921b). Esta atitude pode também ser vista na fala do superintendente de assuntos indígenas em 1919, que entendia ser sua missão “salvar o Índio de seu isolamento retardatário e absorvê-lo para dentro da população geral” (The New York Times, 1919). Ou nas palavras do célebre autor D.H. Lawrence, que em 1922 previa o fim dos povos indígenas no sudoeste “ou na nossa geração ou nos tempos dos nossos filhos ou netos” (LAWRENCE, 1922: 51).

Os índios da Nova Inglaterra também eram tidos como atores do passado. Nas palavras irônicas de Collway & Sallisbury (2003), “o povo indígena sobe brevemente no palco colonial: eles conhecem os Peregrinos, morrem de doença, perdem suas terras, e são derrotados na Guerra dos Pequot e na Guerra do King Phillip” (COLLOWAY & SALLISBURY, 2003: 14). Contrariando essa narrativa de passividade e invisibilidade nativa disseminada no século XX, pesquisas recentes trouxeram à tona a revolta dos Mashpee de 1833, evento no qual os índios lutaram para reconquistar sua autonomia política e religiosa, em local a poucos quilômetros de Plymouth (Cf. MANDELL, 2003). Tão pouco era verdade esta ausência de índios em Massachusetts, que David Silverman considera que no fim do século XIX, havia cinco comunidades “distintamente indígenas” no estado (SILVERMAN, 2003: 284). O’Brien contabiliza oito tribos que tinham posses fundiárias no século XIX, sendo que muitos membros se autoidentificavam como índios, embora morassem nas cidades, fora das terras indígenas (O’BIEN, 2010: 146).

No entanto, o caso dos indígenas é diferente daquele dos imigrantes recentes, pois estavam mais longe ainda das estruturas de poder econômico e político da era, e não obstante a clarificação avançada, demograficamente representava uma ameaça de menor escala para a antiga elite anglo-saxônica do que os milhões de camponeses europeus

---

<sup>6</sup> Para Patricia Seed (2001), na medida em que os EUA seguiam com a apropriação gradual de terras indígenas no Oeste do país, começou-se a utilizar o termo “fronteira” para sugerir a ocupação de terreno inabitado (SEED, 2001: 160).

recém-chegados. Contudo, não podiam ser apagados completamente do enredo monumental, pois figuravam proeminentemente na narrativa de origem do país, particularmente no Thanksgiving. A solução foi escolher o chefe Wampanoag, Massasoit, no papel de “nobre índio”, como figurante indígena central, tendo uma estátua construída em sua homenagem e uma descendente sua convocada para as celebrações do tricentenário, uma “reliquia viva”, segundo essa narrativa, um testamento da pré-história local (Cf. O'BRIEN, 2010: 167-168).

### Os monumentos recentes e as histórias alternativas

O espaço monumental de Plymouth parece estar passando por um momento de transição, de uma versão de história “celebrativa” para uma “desafiadora”. Essa mudança é ilustrada pela adição recente de dois monumentos. A Escultura aos Imigrantes cita as origens dos “outros” imigrantes, oriundos de países como a Itália, Irlanda, e as Ilhas Açorianas, para citar somente alguns. A adição deste monumento vem na esteira de batalhas que ocorreram próximo dali, na cidade de Lowell, Massachusetts, onde a partir da década de 1970, houve lobby político e diversos projetos para preservar o patrimônio construído ligado às fábricas de tecidos, local de trabalho a partir da segunda parte do século XIX de diversos grupos de imigrantes (WEIBLE, 2011).

O outro monumento construído em 2001, este colocado ao lado da estátua de Massasoit, é uma placa com a seguinte inscrição:

Desde 1970, Povos Indígenas se reúnem meio-dia na Cole's Hill de Plymouth para comemorar o Dia Nacional das Lamentações durante o feriado de Thanksgiving nos EUA. Muito indígenas não celebram a chegada dos Peregrinos e outros colonos Europeus. Para eles, o dia de Thanksgiving é um dia para lembrar-se do genocídio de milhões de seus conterrâneos, o roubo de suas terras, e assalto implacável na sua cultura. Participantes no Dia Nacional das Lamentações homenageiam seus ancestrais Nativos e sua batalha para sobreviver hoje. É um dia de memória e conexão espiritual além de protesto contra o racismo e opressão que os Povos Indígenas continuam a sofrer. Erguido pela Vila de Plymouth em prol da United American Indians of New England.

Este Dia Nacional de Lamentações originou-se com o protesto de um líder Wampanoag de nome Wampsutta Frank James, no alto do Cole's Hill, ao lado da estátua de Massasoit, em 1970. Ele e alguns manifestantes estavam protestando o fato de James ser “desconvidado” como palestrante pelo Estado de Massachusetts na ocasião das festividades de *Thanksgiving*, por sua fala ser considerada inapropriada, entre outras razões, por chamar a amizade inicial de Massasoit com os peregrinos de “nosso maior erro”. Em um ano posterior, os protestantes enterraram o *Plymouth Rock* com areia e algas marinhas (KELLY, 1997: 1). Em 1997, houve confrontos com a polícia, que levaram ao aprisionamento de 25 manifestantes e acusações de brutalidade policial. A placa que hoje está no Cole's Hill foi resultado de acordo judicial para resolver o caso.

Ao contrário da tendência global sublinhada por Little (2007), de maior multivocalidade em espaços federais protegidos, o que se vê em Plymouth é uma forte resistência à inclusão de histórias alternativas que se oponham à narrativa otimista, sem desconfortos, do local. A gradual mudança de paradigma, para uma história “desafiadora”, tem ocorrido lentamente. Em Plymouth, houve um lapso de pouco mais de 30 anos entre a mobilização para inclusão de uma narrativa alternativa, e sua adição, por intervenção judicial, no espaço monumental. A cidade de Plymouth foi literalmente forçada a colocar a placa em frente à baía.

Local de desfecho das festividades no dia de *Thanksgiving*, o *Plymouth Rock*, hoje, tem significados antagônicos para dois dos grupos que o visitam neste dia: os atores que reencenam a chegada dos ingleses tendem a respaldar a narrativa dominante, enquanto os protestantes o veem como símbolo-mor do início do genocídio da população nativa. Perto dali, a estátua de Massasoit tem sido ressignificada, pois foi construída por não indígenas, em 1917, com o intuito de representar o “nobre homem vermelho”, atitude essa que David Hurst Thomas explica ter sido (e ainda é) comum na relação entre a sociedade dominante e os índios norte-americanos, sendo estes últimos tidos como representantes da inocência, do mundo natural, de um estado de felicidade que existiu antes da “civilização” (THOMAS, 2000:xxviii). Porém, a partir do *Thanksgiving* de 1970, é em torno da estátua que os manifestantes se concentram, não para dar boas-vindas, conforme a narrativa dominante, mas para contestar os atores vestidos como “ingleses”. Massasoit perdeu sua inocência, e hoje é símbolo de resistência.

Calloway e Salisbury (2003) relatam que devido à “desconfiança”, no mundo acadêmico, índios e historiadores tradicionalmente contam narrativas independentes e

paralelas sobre o passado na Nova Inglaterra (CALLOWAY & SALISBURY, 2003:15). Isto é tido pelos autores como uma situação que precisa de conserto, pois há a necessidade de maior diálogo entre os pontos de vista. Contudo, em Plymouth, essa dissonância entre a narrativa monumental dominante e a nova adição à paisagem é altamente efetiva, pois a placa quebra com o protocolo de reverência e contemplação silenciosa estabelecida no espaço (Cf. KIRSCHEMBLATT - GIMBLETT, 1998: 190). Ela choca o turista, e gera um sentimento de “ambiguidade, descontinuidade, desconforto, e inquietude”, que é própria do modelo “desafiador” (Cf. LITTLE, 2007: 163). Mais do que isso, em um contexto atual na Nova Inglaterra de acirradas lutas por reconhecimento federal e demarcação de terras indígenas, posiciona os Wampanoag, perante o público visitante, como atores no presente. Para os manifestantes indígenas, que se reúnem anualmente em Plymouth e anseiam por narrativas alternativas, ou pelos menos mais balanceadas sobre a história de formação do país, é uma árdua batalha contra a invisibilidade monumental. Eles sabem que em um ambiente de turismo contemplativo como em Plymouth, pedras e estátuas supostamente sobre o passado são também marcadores que projetam para o futuro, que podem sugerir novos caminhos a serem percorridos, e até débitos a serem pagos.

### Agradecimentos

Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia. Agradeço pelos comentários recebidos, que me ajudaram a escrever este artigo.

### Referências bibliográficas

ADAMCZYK, Amy. On Thanksgiving and collective memory: constructing the American tradition. **Journal of Historical Sociology**, v. 15, n. 3, 2002, p. 354-365.

CALLOWAY, Colin & SALISBURY, Neal. Introduction: decolonizing New England Indian history. In: **Reinterpreting New England Indians and the colonial experience**.\_\_\_\_\_. Boston: The Colonial Society of Massachusetts, 2003, p. 13-23.

CALLOWAY, Colin e SALISBURY, Neal (Orgs.). Boston: The Colonial Society of Massachusetts. 2003, p. 299-340, .

EICHSTEDT, J. & SMALL, S. **Representations of Slavery: Race and Ideology in Southern Plantation Museums**. Washington: Smithsonian, 2002.

GARCIA, Desirée. Subversive sounds: ethnic spectatorship and Boston's Nickelodeon Theatres, 1907-1914. **Film History**, v. 19, n. 3, 2007, p. 213-227.

HANDLER, R. & GABLE, E. **The New History in an Old Museum: Creating the Past at Colonial Williamsburg**. Durham: Duke University Press, 1997.

HAYES, Katherine. Occulting the past. Conceptualizing forgetting in the history and archaeology of Sylvester Manor. **Archaeological Dialogues**, v. 18, n. 2, 2011, p. 197-221.

KELLY, M. Protest in Plymouth. Native Americans clash with police. **The Patriot Ledger**, p. 1, 28 de novembro, 1997.

KIRSHEMBLATT-GIMBLETT, Barbara. **Destination Culture: Tourism, Museums, and Heritage**. London: University of California Press, 1998.

LAWRENCE, D.H. Certain Americans and an Englishman. **The New York Times**, 1922, p. 51, 24 de dezembro.

LITTLE, Barbara. **Historical archaeology: why the past matters**. Walnut Creek, Left Coast Press, 2007.

MANDEL, Daniel. "We, as a tribe, will rule ourselves": Mashpee's struggle for autonomy, 1746-1840. In: **Reinterpreting New England Indians and the colonial experience**.

MENNEL, SJ. Prohibition: a sociological view. **Journal of American Studies**, v. 3, n. 2, 1969, p. 159-175.

MILLS, B. & WALKER, W. Introduction: Memory, Materiality, and Depositional Practice. In: **Memory Work. Archaeologies of Material Practices**. \_\_\_\_\_. Santa Fé, School for Advanced Research Press, 2008, p. 3-24.

O'BRIEN, J. **Firsting and Lasting. Writing Indians Out of Existence in New England**. Minneapolis, The University of Minnesota Press, 2010.

OLD COLONY MEMORIAL. 'One small candle may light a thousand'. **Old Colony Memorial**, p. A8, 12 de Maio, 2004.

PLYMOUTH CORDAGE HISTORICAL SOCIETY. 2012. **Plymouth ropemaking led the town to prosperity**. Acessado 25 de maio de 2012 em: <http://www.plymouthcordagemuseum.org>

REARDON, N. Indian statue was a gift from artist, but they're not sure they want it anymore. **The Patriot Ledger**, 2008, p. 2, 2 de dezembro.

SCHNEIDER, Mark. Ethnic regions of the United States, 1890-1970. **Polity**, v. 12, n. 2, 1979, p. 273-290.

SEED, Patricia. **American Pentimento**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001.

SHACKEL, Paul. Public memory and the search for power in american historical archaeology. In: **Contemporary archaeology in theory: the new pragmatism**, 2<sup>a</sup> ed. PREUCEL, R. & MROZOWSKI, S (Orgs.). Chichester: Willey-Blackwell, 2010, p. 385-403.

SILVERMAN, David. The church in New England Indian community life: a view from the islands and Cape Cod. In: **Reinterpreting New England Indians and the colonial experience**. CALLOWAY, Colin e SALISBURY, Neal (Orgs.). Boston: The Colonial Society of Massachusetts. 2003, p. 264-298.

SPENCER, Martin. "Political Correctness" and the politics of identity. **Sociological Forum**, v. 9, n. 4, 1994, p.547-567.

THE NEW YORK TIMES 'New Pilgrim Spirit to Lead World, Declares Harding'. **The New York Times**, p. 1, 2 de agosto, 1921.

THE NEW YORK TIMES. Pilgrims' Day December 21: President Asks Nation-Wide Observance of 300th Anniversary. **The New York Times**, p.6,5 de agosto, 1920 (a).

THE NEW YORK TIMES. Honor Pilgrims on Tercentenary: Lodge and Coolidge Speak at the Celebration Held at Plymouth. **The New York Times**, 22 de dezembro, 1920(b), p. 13.

THE NEW YORK TIMES. Uncle Sam and the Indian: Barbaric Customs Are Vanishing, but Life and Prosperity of the Race Are Thriving. **The New York Times**, p. X7, 7 de dezembro, 1919.

THOMAS, David Hurst. **Skull wars: Kennewick Man, archaeology, and the battle for native american identity**. New York: Basic Books, 2000.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past: power and the production of history**. Boston: Beacon Hill Press, 1995.

TYNER, J. The Geopolitics of Eugenics and the Exclusion of Philippine Immigrants from the United States. **Geographical Review**, v. 89, n. 1, 1999, p. 54-73.

WEEKS, Alvin. **Massasoit of the Wampanoags**. Fall River: Plympton Press, 1920.

WEIBLE, Robert. Visions and reality: reconsidering the creation and development of Lowell's National Park. **The Public Historian**, v. 33, p. 2, p.67-93, 2011.